

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO URBANO: OS IMPASSES DA CIDADE EM *REPÚBLICA DOS BECOS*, DE LUÍS AUGUSTO CASSAS

KÉRCYA RAYANNE DA COSTA SANTOS*
SILVANA MARIA PANTOJA DOS SANTOS**

RESUMO

O presente artigo analisa a maneira como o sujeito poético de *República dos becos*, de Luís Augusto Cassas, interpreta a cidade, mediante as transformações do espaço e tempo, sob intermédio da memória e da preservação do patrimônio urbano. Para tanto, utilizamos os pensamentos de Zukin (1996) e Harvey (2005) sobre as paisagens pós-modernas e suas relações de força e poder; acerca de reflexões sobre a memória da cidade, adotamos o pensamento de Santos e Moreira (2020); sobre as interfaces entre memória e patrimônio, Pesavento (2005); Bollnow (2019) sobre a relação homem e espaço e Hallbwachs (1990) quanto as experiências da memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Poemas. Cidade. *República dos Becos*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os relatos memorialísticos surgiram com o próprio homem enquanto necessidade imperiosa de explicar fatos, de compreender

* Graduanda em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Timon-MA, Brasil. Bolsista PIBIC/CNPq (2020-2021), bolsista Projeto Universal CNPq, Edital N° 18/21. Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem – LITERLI. E-mail: kercyaldr@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1441-061X>

** Doutora em Teoria Literária. Profa. de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Timon-MA, Brasil. Profa. dos Programas de Pós-Graduação em Letras de ambas Universidades. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem – LITERLI. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: silvanapantoja3@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1107-1336>.

forças misteriosas que regiam o mundo primitivo, de desvelar a natureza humana, alimentada pela coesão do grupo. Esse fazer humano teve, desde sempre, relação com o ato de entender a realidade, sobretudo de conhecer a si mesmo pelo crivo da sensibilidade e da convivência com os membros da comunidade.

Na poesia, a sensibilidade se processa por meio da linguagem estilizada e imagética, capaz de transmitir sentimentos, emoções, afetos. Dessa forma, a sensibilidade relaciona-se com a memória no instante em que o passado é retomado e ressignificado a partir das impressões e sensações daquele que se pronuncia, possibilitando, assim, a criação de conexões entre o homem e o lugar. Essa condição da memória tem a capacidade de reter não somente as informações, mas também as vivências e experiências compartilhadas no seio da comunidade.

Nesse sentido, propomos a investigação da memória e a sua relação com o homem e os espaços urbanos na obra *República dos Becos*, do poeta maranhense contemporâneo Luís Augusto Cassas. Interessa-nos pensar sobre como o sujeito lírico interpreta a cidade em meio às transformações do espaço e do tempo ancorados na memória. Entendemos que “o espaço urbano se torna um lugar de inteligibilidade, de construção de narrativas que cumprem funções de situar os indivíduos no tempo e no espaço e de dar sentido às suas vidas” (PESAVENTO, 2012, p. 397). Assim, a memória se constitui a partir das relações e experiências vividas nos espaços urbanos.

República dos becos, publicada em 1981, é a produção de estreia de Cassas na literatura. O poeta nasceu em 1953, em São Luís – MA; é autor de uma vasta produção literária, dentre elas destacam-se: *A Paixão Segundo Alcântara e novos poemas* (1985, 1ª ed.; 2006, 2ªed.), *O vampiro da Praia Grande* (2002), *Paralelo 17* (2018), *Ópera Barroca: guia erótico & serpentário-lírico da cidade de São Luís do Maranhão* (1998), *Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio* (1998). Em 2012, o poeta reuniu, pela Editora Imago, suas produções em dois volumes intitulados *A poesia sou eu. A sua mais recente obra é Quatrocentona: código de posturas & imposturas líricas da cidade de São Luís do Maranhão*, publicada pela Editora Arribação,

em 2021. O poeta é atuante nas redes sociais e publica periodicamente poemas na sua página do *Facebook*.

República dos becos é composta por 35 poemas que desnudam uma paisagem que se distancia de uma perspectiva saudosista sobre a cidade, já que traz uma ótica a partir da dinâmica urbana pós-moderna. Dessa forma, a percepção do eu poético traça um caminho sobre diversos elementos do patrimônio urbano, por exemplo: ruas estreitas emolduradas por casarões seculares azulejados, igrejas, becos, praças, dentre outros. A partir disso, os versos adensam reflexões sobre o desamparo dos lugares suscitados pelo olhar crítico, de modo a contemplar eventos históricos e espaços que fazem parte da identidade local e que se mostram ameaçados pelas novas projeções socioespaciais.

Como se sabe, a cidade de São Luís remonta ao período colonial. O centro histórico da capital maranhense – tombado em 1997 e considerado Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO – comporta um acervo patrimonial de arquitetura portuguesa que dialoga com a dinâmica do lugar, o que proporciona diversas maneiras de percebê-la e senti-la. A cidade retratada em *República dos becos* está ancorada no tempo e no espaço, a partir de uma ótica que se expande para diversos caminhos, expressando inquietações e reflexões.

O texto literário, pensado como representação das ações humanas, possibilita uma projeção da realidade. O historiador francês Roger Chartier (1990) entende representação:

como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma <imagem> capaz de o reconstituir em memória [...] (CHARTIER, 1990, p. 59)

Esse pensamento é relevante para compreendermos como a memória cidadina é representada no texto poético, ou seja, de que forma a memória busca elementos para criar representações da realidade, dimensão esta que remete ao modo de filiação de um indivíduo ao passado.

Mas a representação da realidade na literatura não se dá de maneira fiel, uma vez que constrói significados modelados pela cultura e, também, por valores e subjetividades. Assim, a representação da realidade no texto literário, em especial na poesia, é compreendida como uma construção social e histórica porque é sempre um processo dinâmico que envolve a negociação entre os significados e as interpretações que o eu lírico faz da realidade. Nesse sentido, a cidade, na poesia de Cassas, é representada a partir dos impactos que o presente estabelece sobre o eu poético.

RELAÇÃO HOMEM/CIDADE E OS ASPECTOS MEMORIALÍSTICOS EM *REPÚBLICA DOS BECOS*

O sujeito lírico de Cassas apresenta um olhar voltado para as transformações urbanas que impactam a maneira de ler e ver a cidade. Em *República dos Becos*, o homem cidadão mostra-se atento à dinâmica urbana, logo, o seu comportamento se ancora em acontecimentos e imagens que escapam ao olhar cotidiano e, diante das mais diversas contingências da cidade, retrata um cenário multifacetado.

Na produção literária supracitada, o eu-lírico atenta para a fragmentação da cidade sob um olhar que amplia as percepções, distanciando-se de um sentimento de amparo e aconchego que a cidade poderia oferecer. O sujeito poético chama a atenção, ainda, para os elementos internos e externos da paisagem urbana que, antes, foram transformados em mercadoria. Assim, a cidade é alimentada pelo consumo de uma massa diversificada, por meio das novas perspectivas de apropriação cultural, como podemos observar no poema “Imperador do Largo do Carmo”:

- Tudo que estais vendo aqui
Até onde a visão alcança
É meu: esse conjunto de sobrados
De arquitetura colonial portuguesa
Que vale ouro; o sol
Que já foi de Vieira, as mercearias

e as suas mercadorias
de além-mar;
[...]
o patrimônio do meu Reino:
as agências de viagens; a praça
e o oitizeiro da esquina; o subsolo
e as riquezas que nele se encontram
(incluídos os trilhos dos bondes); as
calçadas-com as bancas de revistas e os vendedores de queijo de S.
Bento
[...]
Monarca moderno
a legislação do meu Reino
inova matéria jurídica formal:
direito tributário administrativo
constitucional...
(CASSAS, 1981, p. 89)

No poema, o eu lírico exalta as riquezas do seu reino, a cidade – juntamente com suas particularidades –, ao evidenciar a arquitetura colonial portuguesa que se mistura com a paisagem moderna, orientada pela produção do capital: o consumo e acumulação comercial, através das “agências de viagens”, “bancas de revistas” e “vendedores de queijo”. Tal aspecto possibilita refletir acerca dos processos que resultam na instalação de lugares de consumo, “mas também leva à reflexão sobre os espaços patrimoniais nas relações de força e de poder”, como ressaltam Santos e Moreira (2020, p. 114). Isso significa que o poder simbólico existente nesses lugares traduz um cenário de possibilidades e apropriações culturais.

No trecho “– Tudo que estais vendo aqui”, o sinal de travessão, ao indicar a fala do “imperador”, sugere as relações de força e poder existentes na paisagem urbana, representadas pelas novas apropriações sociais e culturais. Dessa forma, o “imperador” sugere o próprio sistema que organiza a cidade, os grandes centros comerciais e a reutilização dos espaços que pertencem à história e à memória do lugar, pois os “lugares de

memória” marcam experiências vividas. Estas possibilitam uma reflexão acerca do trabalho, do lazer e do próprio existir. Logo, o eu poético, ao exaltar as riquezas, inclina-se para uma ótica que transforma o espaço em produto.

A partir disso, “tais alterações, articuladas à rede de serviços que o espaço oferece, não geraria um outro significado ao lugar abstraído do espaço e do tempo histórico?”, questionam Santos e Moreira (2020, p. 114). Decerto, as construções arquitetônicas do período colonial português estabelecem uma temporalidade e, por sua vez, ganham novas atribuições diante de gerações hodiernas, ressignificando o espaço por intermédio de práticas e de relações sociais. Assim, Pesavento (2005) explica que a “passagem do tempo modifica o espaço, onde práticas sociais de consumo e de apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passo da cidade” (PESAVENTO, 2005, p. 12). A alteração dos espaços, conseqüentemente, influencia na maneira como a cidade é vista e experimentada.

Por conseguinte, os espaços são tomados pelos processos urbanos que impossibilitam perceber a cidade como lugar para além de atividades comerciais. Sendo assim, os processos urbanos dificultam as relações afetivas em prol de práticas pautadas na ideia da centralidade do poder econômico. No poema, o sujeito poético realça lugares de deslocamentos. Em vista disso, podemos classificar como “não lugares” os espaços elencados pelo eu poético, entendendo-os na perspectiva de Marc Augé (2010), que os define como aqueles não designados à permanência, mas, sim, à passagem, e, por isso, esvaziados do contato humano. Esses lugares reforçam comportamentos efêmeros e homogêneos, comprometendo a memória da cidade, soterrada pela paisagem que se moderniza continuamente.

A modernização dos grandes centros urbanos provoca uma série de contradições e tensões, cujo resultado é o surgimento de novas formas espaciais, alteradas com o passar dos anos. Assim como no poema anterior, em “Mulher em gestação”, destacado abaixo, o eu lírico apreende

a dinâmica urbana por meio de espaços e situações vivenciadas por outros: os sujeitos anônimos, dando voz a eles, como podemos constatar:

3

São oito horas na fábrica
quando ela retorna ao trabalho/ para reassumir
o ofício
As máquinas vão acelerando o som/
explodindo
ritmos/
na sua cadência mecânica.
E no seu compasso histérico
de válvulas/compressoras/
devolve ao seu olhar no vazio
a imagem vermelha quebrada/
(o sangue cheirando a óleo
o óleo cheirando a dor)
do braço do marido/
de nome João da Silva
funcionário aposentado
de uma *fábrica falida*/
[...]
morador na Avenida Kennedy
em uma rua sem nome
em uma casa sem número.
(CASSAS 1981, p. 42. Grifo nosso)

O poema ressignifica um fato histórico da segunda metade do século XIX, posto que reflete sobre as indústrias têxteis que movimentaram a economia maranhense. Os versos “As máquinas vão acelerando o som/ explodindo/ritmos” focalizam o desenvolvimento fabril do início da modernização impulsionada pelos processos globais de produção e de acumulação do capital. Logo, “a modernidade é mapeada pelas noções de centralidade e poder” (ZUKIN, 1996, p. 98). A máquina personifica-se “na sua cadência mecânica/E no seu compasso histérico”, cujo som evidencia

a produção e o ritmo frenético da fábrica, acionando a lembrança do acidente do marido, o João da Silva.

Paralelo a isso, a mulher manuseia a máquina com o olhar vazio e sob as condições de cansaço devido à gravidez e, sobretudo, às horas exaustivas de trabalho. A mulher aludida no poema é anônima, assim como o local em que mora: “uma rua sem nome/em uma casa sem número”. O *lócus*, por sua vez, evidencia a invisibilidade dos que habitam a periferia das cidades. É a força de mercado, com as grandes demandas de produção, que provoca a segregação social, pontua David Harvey (2005):

A acumulação original, de acordo com Marx, apoiava-se na expropriação violenta dos meios de produção, que punha excedentes de capital na mão de poucos enquanto a maioria era forçada a se tornar trabalhador assalariado para viver. (HARVEY, 2005, p. 134)

Portanto, a mulher representa a massa produtora do capital, privada de boas condições salariais e da valorização do trabalho. Esta é impulsionada pela lógica capitalista, uma vez que a centralização do poder econômico falseia uma paisagem harmônica que, por outro lado, apresenta uma sucessão de paisagens que surgem dos papéis exercidos pela sociedade. Por meio do processo de rememoração, o eu poético evidencia uma outra face das transformações da cidade: a massa desassistida.

No poema “Um corpo que cai”, o sujeito poético faz referência à localização geográfica da Ilha de São Luís, que outrora dificultou as relações de mercado entre as outras cidades localizadas ao Sul do país, o que gerou dificuldades administrativas acerca das indústrias instaladas na cidade:

[...]
Se um dia resolver me atirar
do terraço do nono andar do Edifício BEM
peço, encarecidamente a todos os conhecidos;
pai, mãe, avô e namorada,
amigo de infância e amigo da onça
Que não culpem a cidade;

A cidade de São Luís, Rei de França
de La Touches e La Ravardières,
que às vezes por constrangimento geográfico
Ilha as pessoas em seu desejo de (a)mar.
(CASSAS, 1981, p. 60)

A partir dos versos, percebemos que o espaço urbano se apresenta de maneira dual, ora estimula as práticas sociais, ora as reprime – situação que varia de acordo com as circunstâncias do lugar. Isso porque:

O espaço é dado ao homem de modo ambivalente, como estimulador e repressor. Ainda mais profundamente, como algo que lhe pertence como membro e por sua vez se lhe avança de fora, como algo hostil, ou ao menos estranho. (BOLLNOW, 2019, p. 18)

A partir dos jogos vocabulares “ilha” e “amar”, o poema “Um corpo que cai” revela a relação dialógica entre as pessoas e o espaço geográfico, caracterizando o isolamento e a ruptura dos laços afetivos fragilizados em uma sociedade voltada para o consumo e à produção do capital. O poema propõe refletir acerca do que Sharon Zukin (1996) conceitua como processo de “enobrecimento”, que consiste na reestruturação de espaços, colocando pessoas à margem em prol de interesses econômicos. A autora explica que “esse processo de melhoramento urbano e de deslocamento devido à ação do mercado privado e não ao planejamento do Estado é denominado de ‘enobrecimento’” (ZUKIN, 1996, p. 108).

No poema, o sujeito lírico se apresenta de maneira inquieta, ao passo que adverte que o seu ressentimento está para além da sua relação com a cidade: “A cidade de São Luís, Rei de França/de La Touches e La Ravardières”. Ao fazer referência à fundação da cidade, o eu poético demarca, historicamente, o seu lugar de pertencimento.

Os espaços também são testemunhos das tradições religiosas e do modo como templos evidenciam a tradição cultural. Em *República dos becos*, as igrejas revelam práticas de um tempo passado. Nesse contexto, os versos do poema “Confessionário da Sé” chamam a atenção para as

tradições religiosas que, embora esquecidas, mantêm-se vivas através do espaço, a exemplo do confessionário, como demonstra os versos a seguir:

V

Confessionário da Sé!
Confessionário da Sé!
Confessionário da Sé!
Consultório da Igreja
rústico e maltratado
Hoje quase abandonado
pela clientela do perdão.
E apesar de todos os segredos
guardados
do peso de todos os pecados
ainda te conserva de pé
firme e forte em tua fé!
(CASSAS, 1981, p. 64)

O poema é dividido em cinco partes, todas iniciadas pelo mesmo verso que o intitula. A imagem da igreja está metonimicamente representada pelo confessionário que se mantém esquecido pela “clientela do perdão”, isto é, pelos fiéis. Dessa forma, o eu lírico, em vez de dar visibilidade à igreja como um todo, volta-se a um elemento significativo do passado religioso, o confessionário, a fim de evidenciar uma prática corriqueira no espaço dedicado à renúncia dos pecados cristãos.

Então, ao afirmar que o confessionário se encontra esquecido, questionamos: eu lírico intenta referenciar a força da construção arquitetônica secular que se mantém de pé ou problematizar a condição de a mesma não mais assegurar as crenças e os valores da tradição religiosa? Partindo desta indagação, o poder simbólico da igreja é realçado por um espaço nos templos que pertence e/ou pertenceu à vida cotidiana de pessoas que frequentavam o lugar. Entretanto, o eu poético estabelece uma reflexão sobre a maneira como o imóvel se mostra no presente, abandonado.

Conforme Maurice Halbwachs (1990), “a memória do nosso grupo também continua como os locais nos quais parece que ela se conserva”. Portanto, o templo religioso desperta o culto, inspira as tradições e as lembranças de pessoas que compartilham o mesmo espaço. Dessa forma, o confessionário, “rústico e maltratado”, evidencia a transição de séculos. Além disso, o eu poético, ao lamentar o abandono de um elemento religioso ressalta o rompimento, também, de costumes de um tempo transcorrido para dar lugar a novas práticas sociais. Halbwachs (1990) argumenta:

À medida que as principais atividades de vida social se desprenderam da dominação religiosa, o número e a extensão dos espaços consagrados à religião, ou ocupados habitualmente por comunidades religiosas, reduziram-se e se fecharam. (HALLBWACHS, 1990, p. 155)

No caso do poema em questão, o confessionário se mantém de pé e assegura a memória coletiva de um grupo, bem como a história do lugar, já que a Igreja da Sé, fundada em 1640, pela Companhia de Jesus, marca um período de formação do país e, conseqüentemente, da cidade de São Luís - MA, ressignificada pelo olhar poético em congruência ao tempo presente. Portanto, sob a ótica do eu lírico, as imagens poéticas chamam a atenção para a imponência de igrejas seculares, com suas influências territoriais, de organização social e religiosa, que também funcionam como dispositivos da memória cidadina.

Partindo desse pressuposto, o poema “Missa Convite” referencia o espaço religioso como local marcador de referências e de práticas sociais, uma vez que o eu poético, ao ressaltar as igrejas que pertencem ao patrimônio urbano de São Luís, destaca uma prática cristã, tida como tradicional, mas também as contemporâneas: a produção e a acumulação do capital. No poema abaixo, tais aspectos são evidentes:

OS SINOS DE BRONZE³
DAS
IGREJAS
DA

³ Manteve-se a grafia e a forma original do poema.

SÉ (BLÉIN!) SANTO ANTONIO (BLÉIN!) DESTERRO
(BLÉIN!) SÃO PANTALEÃO (BLÉIN!) CARMO
(BLÉIN!) SANTANA (BLÉIN!) REMÉDIOS (BLÉIN!)
SÃO JOÃO (BLÉIN!)
COMUNICAM O FALECIMENTO
DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO COLONIAL
DA CIDADE DE SÃO LUÍS
(BLÉIN!)
OCORRIDO HOJE
VÍTIMA
DE UM TERREMOTO
QUE
DESTRUIU
OS SOBRADOS
OS MONUMENTOS ARTÍSTICOS
OS FORTES E OS CASARÕES
E CONVIDAM
AS TRADIÇÕES CULTURAIS
OS BUROCRATAS DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E O POVO EM GERAL
PARA
A MISSA DE SÉTIMO DIA
QUE
SERÁ REALIZADA
NOS
ESCOMBROS DA FREGUESIA
DA
PRAIA GRANDE
ÀS
17 HORAS PRÓXIMO DIA 8.
DESDE JÁ
AGRADECEM PENHORADOS A TODOS
QUE COMPARECEM
A MAIS ESTE ATO DE FÉ
E PIEDADE

CRISTÃ

(B
L
É
I
N
!)

(CASSAS, 1981, p. 104)

Conforme é perceptível, o poema dialoga com a poesia concreta quanto à forma. O alinhamento dos versos, ao centro, com a palavra “BLÉIN!”, verticalizada fechando o poema, transmite a ideia de um som em câmara lenta, que também remete a um desmoronamento. O teor crítico e de denúncia intensifica-se com o propósito do anúncio do falecimento do patrimônio histórico colonial de São Luís. Assim, o sujeito poético elenca lugares que fazem parte da memória local e coletiva, as igrejas que atravessaram os séculos e resistem ao tempo. Desse modo, a onomatopeia, que representa o badalar dos sinos, evidencia o acervo cultural e arquitetônico da cidade. Ademais, o eu lírico cita um bairro importante para o desenvolvimento econômico da cidade desde o século XVIII, o bairro Praia Grande, que abriga parte significativa do acervo arquitetônico de São Luís.

O termo “terremoto” pode ser compreendido como uma metáfora da destruição do patrimônio urbano na medida em que há uma comparação implícita com o uso dos espaços e a maneira como a sociedade se comporta diante da paisagem que esvanece. Em consonância com as ideias de Santos e Moreira (2020, p. 116), “a percepção deixa de recair sobre o bem comum para se concentrar no próprio eu, bem como em imagens que se exibem em forma de mercadoria”. Trata-se, portanto, da maneira como os espaços são vivenciados e como refletem nas novas perspectivas culturais, face aos impulsos comerciais que alteram os laços afetivos a partir de atividades funcionais que provocam o individualismo

moderno. Refere-se, ainda, à produção social do consumo dos lugares com forte carga simbólica e cultural, como acentua Vinícius Costa (2017):

No momento da reconstrução da Praia Grande, que traz consigo uma reconstrução simbólica de todo o centro histórico de São Luís, há uma nova tônica, que à época do preservacionismo não era significativa: a do desenvolvimento econômico e do turismo, fins de certa forma reunidos no conceito de revitalização. (COSTA, 2017, p. 216)

A simbologia dos espaços é pautada em uma paisagem atrativa para investimentos comerciais. Logo, através dos veículos de informação e midiáticos se constroem consumidores com possibilidade de “comprar a cultura”, enfraquecendo as relações com o lugar. Com isso, as novas práticas sociais evocam um outro sentido, de modo a estabelecer uma dependência com o mercado. “Nesta medida, arquitetura, memória e história poderiam ser definidas como atividades humanas marcadas pelo enfrentamento com o tempo, assegurando registros voltados para a durabilidade” (PESAVENTO, 2005, p. 15).

No poema, a perspectiva metafórica representada pelo substantivo “terremoto” ilustra a instabilidade do lugar em meio às diversas imagens que remetem ao consumo, afastando o real sentido do lugar, já que o ter passa a ser mais importante do que o ser. Então, a lógica da cidade envolve as ações voltadas para consumo? Sabemos que a sociedade pós-moderna exige a rapidez das cidades, impulsionando a produção e o consumo desenfreado. No entanto, as memórias coletivas que os locais asseguram, quando negligenciadas em prol da dinâmica urbana, podem provocar esfacelamento dos vínculos afetivos com o lugar.

A cidade é permeada por espaços matemáticos, termo utilizado por Otto Bollnow (2019) para nomear lugares ditos como “sociofuncionais”. Na perspectiva do autor, estes correspondem àqueles que apresentam funções específicas sem um vínculo afetivo com os habitantes. Assim, no poema “Missa Convite”, percebe-se um eu lírico que – em um ato simbólico de fé, a missa de sétimo dia – revela uma ótica crítico-reflexiva acerca dos “lugares de memória” que, agora, encontram-se tomados por

espaços planejados, calculados para atender a um público produtor e acumulador do capital.

Ao evocar as igrejas, o eu poético reflete a respeito do lugar habitado, indo de encontro aos comportamentos da pós-modernidade, já que “nesse espaço humano circundante vivemos de modo tão óbvio que ele não nos chama a atenção em suas peculiaridades, e sequer refletimos mais a seu respeito” (BOLLNOW, 2019, p.14). Partindo desse pressuposto, observemos esses aspectos no poema “Companhia de Seguro”, cujo eu poético traça um caminho cartográfico da cidade, regido pela memória afetiva com as ruas, becos, igrejas e logradouros. Assim, destacamos:

[...]
Deixarei para ti os crepúsculos de São Luís
Os crepúsculos do Portinho Igreja dos Remédios
[Vinhais
Praça João Lisboa Beira-Mar Monte Castelo
Areinha Jacinto Maia
Rua da Paz Rua do Sol Beco Escuro
Praia Grande
Todos eles
Até que se escondeu sorrateiro num mirante da
Rua da Estrela
Rica
poderás organizar
desfiles de modas
e chás beneficentes
com a renda revertida em prol da infância desamparada
e da velhice desassistida
(CASSA 1981, p. 68)

No poema, percebemos o exercício de rememoração do eu poético em torno dos suportes espaciais. “Sobre esse olhar, a herança cultural aproxima o universo do sensível ao do ambiente urbano, que torna a arquitetura e a paisagem um acervo de símbolos mnemônicos” (TARDIVO; PRATSCHKE, 2016, p. 04). De maneira subjetiva, a voz

poética lista locais antigos da cidade: o Portinho, a Praça João Lisboa, a Areinha, a Rua da Paz e outros. Estes proporcionam a contemplação dos “crepúsculos da cidade” que funcionam como refúgio diante da rapidez da cena cotidiana e da modernização urbana. Com isso, assegura os espaços de memória citadina.

Ao evidenciar: “deixarei para ti os crepúsculos” dos espaços antigos, o eu poético faz um apelo para que tais locais não sejam esquecidos. Ademais, a presença dos mirantes faz com que seja possível ter uma visão mais ampla da dinâmica urbana, fundindo passado e presente, como também possibilitando uma apreciação dos fenômenos naturais, a exemplo do pôr e o nascer do sol – que despertam um olhar harmônico e desacelerado da cidade em meio à dinâmica urbana. Assim, as relações afetivas com os lugares são refletidas na percepção, dependendo, pois, do modo como o sujeito os vivencia:

O espaço tampouco é para o homem um meio neutro e constante, mas é preenchido com significados nas relações vitais de atuações opostas, e esses significados, por sua vez, mudam de acordo com os diferentes lugares e regiões do espaço. Também esses significados não são devidos a sentimentos apenas subjetivos que o homem liga ao espaço, mas são caracteres autênticos do próprio espaço vivido. (BOLLNOW, 2019, p. 18)

Para além dos sentimentos ancorados nos espaços elencados pelo sujeito lírico, o poema proporciona reflexões acerca da cultura do consumo que afasta o ser da relação de pertencimento. Dessa forma, a relação homem/cidade é limitada “pela história material, pela configuração e pela forma do espaço, assim como pela prática social daqueles que tentam imaginar uma alternativa” (ZUKIN, 1996, p. 98).

Os espaços evidenciados no poema “Companhia de Seguro” estão para além da preservação do patrimônio urbano, posto que trazem uma reflexão sobre a circulação do capital, por meio de estratégias de apropriação cultural juntamente com o consumo visual, de modo que o eu poético acaba expressando novas formas de ver a cidade. Dessa maneira, passagens

do poema como “desfile de modas” e “chás beneficentes” evidenciam uma ruptura com um tempo marcado no final do século XX, chamado *desindustrialização*⁴, e registra um novo modo de consumo através de um conjunto de serviços pautados na propagação de informações, o que leva a refletir acerca da paisagem local modernizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a cidade retratada na obra *República dos becos* exerce um papel estruturador da memória da cidade, sendo esta repleta de tensões e contradições diante das novas projeções espaciais decorrentes do capital e da ação humana. Isso acaba proporcionando outros diálogos com a *urbe*, uma vez que as consequências podem ser apreendidas por meio da paisagem cultural e social.

Em *República dos becos*, a paisagem urbana é percebida e vivida pelo eu lírico, que avulta sentidos simbólicos e concretos que deixam entrever o modo como as pessoas se relacionam com a cidade. A obra nos coloca diante de um tempo que resiste no plano memorialístico no instante em que o eu lírico põe em evidência construções antigas, a exemplo das fábricas, casarões e igrejas seculares, bem como das ruas e bairros que concentram a tradição e os valores culturais.

A cidade histórica que habita na memória do eu poético evidencia não só um olhar crítico acerca do modo como são tratados os espaços de memória, mas também expõe a forma como atuam as relações socioespaciais, a distinção e a marginalização de espaços que não esboçam a paisagem cultural, tal qual a exclusão de pessoas que vivenciam determinados lugares. Assim, as relações que se estabelecem na cidade decorrem do jogo de força e de poder.

A cidade, enquanto mercadoria, propõe novas vivências e apropriações dos espaços urbanos em função do capital, fragilizando a

⁴ Conhecida como “desindustrialização” ou como criação de uma economia de serviços e “in-formação”, exige que cada paisagem seja reestruturada para refletir sua inserção na nova economia mundial (ZUKIN, 1996, p. 108).

interação dos habitantes com o lugar que guarda as referências coletivas, bem como a consciência de preservação da memória urbana. Em consequência disso, as relações entre os indivíduos e a cidade se dá de maneira individualizada e fragmentada.

Percebemos que o eu lírico se mantém como observador e expectador da realidade que contempla e que, também, acaba se diluindo no corpo da cidade. Dessa forma, a voz poética consegue dar evidência a diversos perfis sociais por meio de experiências de trabalhadores de fábricas, comerciantes, vendedores, transeuntes, dentre outros. A partir daí, o sujeito lírico promove uma reflexão acerca de fatores externos e internos da paisagem urbana. Estes correspondem aos processos de uma sociedade globalizada. Para mais, o modo como a cidade é retratada em *República dos becos* corresponde a processos urbanos que envolvem atividades pautadas no lucro e, assim, estabelece as dissoluções tanto espaciais como sociais.

O espaço consegue testemunhar a história. As imagens poéticas de Casas, por sua vez, possibilitam uma reflexão acerca da banalização da memória da cidade que se mostra enfraquecida em meio à deterioração de formas urbanas e do fortalecimento das relações de poder, tendo como consequência o esvaziamento dos espaços e o afastamento dos habitantes da história do lugar, o que favorece o alheamento. Ao tempo que rememora, o eu lírico lança um olhar crítico às experiências e aos costumes modificados ao longo dos tempos, bem como à indiferença dos homens em relação ao patrimônio urbano. Nesse contexto, “percebemos que algo mudou na maneira como organizamos o que vemos: o consumo visual do espaço e do tempo” (ZUKIN, 1996, p. 81).

Na sociedade hodierna, em função das novas projeções urbanas, os indivíduos se mostram indiferentes à paisagem que comporta a memória do lugar. Por sua vez, o sujeito poético de *República dos becos* chama atenção para esse comportamento e critica a falta de consciência do homem citadino ante aos riscos do apagamento das memórias urbanas. Ademais, a voz poética de Casas proporciona uma compreensão sobre a forma como a cidade pode implicar na memória dos sujeitos líricos, assim como um despertar de sensações e percepções sobre os lugares.

República dos becos evidencia uma linha temporal entre o passado e o presente, pois registra um conjunto de referências que possibilita compreender a cidade por diferentes vieses que vão da tradição religiosa aos lugares desamparados, promovendo a junção entre a tradição e o renovo. Dessa forma, a literatura consegue aproximar o sujeito da herança cultural e sensibilizar para a preservação da memória e do patrimônio urbano, por meio de imagens poéticas que edificam o sentido da relação do homem com a cidade.

MEMORY AND URBAN HERITAGE: THE IMPASSES OF THE CITY IN *REPUBLIC OF BECOS*, BY LUÍS AUGUSTO CASSAS

ABSTRACT

This article analyzes, from a literary perspective, the way in which the poetic subject of Republic of Becos interprets the city through the transformations of space and time through memory and the preservation of urban heritage. For that, we use the thoughts of Zukin (1996) and Harvey (2005) on postmodern landscapes and their relations of force and power; about reflections on the memory of the city, we adopt the thought of Santos and Moreira (2020), on the interfaces between memory and heritage, Pesavento (2005); Bollnow (2019), on the relationship between man and space and Hallbwachs (1990) on the experiences of collective memory.

KEYWORDS: Memory. poems. City. *Republic of Becos*.

MEMORIA Y PATRIMONIO URBANO: LOS IMPASSES DE LA CIUDAD EN LA *REPÚBLICA DE LOS BECOS*, POR LUÍS AUGUSTO CASSAS

RESUMEN

Este artículo analiza la forma en que el sujeto poético de República de los becos interpreta la ciudad a través de las transformaciones del espacio y el tiempo a través de la memoria y la preservación del patrimonio urbano. Para ello, utilizamos los pensamientos de Zukin (1996) y Harvey (2005) sobre los paisajes posmodernos y sus relaciones de fuerza y poder; sobre reflexiones sobre

la memoria de la ciudad, adoptamos el pensamiento de Santos y Moreira (2020), sobre las interfaces entre memoria y patrimonio, Pesavento (2005); Bollnow (2019), sobre la relación entre el hombre y el espacio y Hallbwachs (1990) sobre las experiencias de la memoria colectiva.

PALABRAS CLAVE: Memoria. poemas Ciudad. República de Callejones.

REFERÊNCIAS

AUGÉ Marc. Não lugares: *Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

BOLLNOW, Otto Frederich; *O homem e o espaço*, tradução de Aloísio Leoni Schmid. – Curitiba: Editora UFPR, 2019.

CASSAS, Luís Augusto. *República dos Becos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CASSAS, Luís Augusto. *A Paixão Segundo Alcântara e novos poemas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

CASSAS, Luís Augusto. *Titanic- Boulogne: a canção de Ana e Antônio*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CASSAS, Luís Augusto. *O vampiro da praia grande*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

CASSAS, Luís Augusto. *Ópera Barroca: guia erótico & serpentário-lírico da cidade de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

CASSAS, Luís Augusto. *Paralelo 17. Guaratinguetá: Penalux*, 2018.

CASSAS, Luís Augusto. *Quatrocentona: código de posturas & imposturas líricas da cidade de São Luís do Maranhão*. Arribaça Editora, 2021.

CASSAS, Luís Augusto Cassas. *A poesia sou eu*. Rio de Janeiro: Imago, 2012.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Gualhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

COSTA, Vinícius Fonseca de Castro e. *A Invenção do Centro Histórico de São Luís (MA): momentos decisivos*. Dossiê Carnaval, arquivos do CMD, V. 6, N.1. 203-226p. 2017.

HALLBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. Edições Vértices, Editora Revista dos Tribunais LTDA. São Paulo, SP. 1990.

HARVEY, David. *Produção Capitalista do Espaço*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidade, Espaço, Tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano*. V. II, nº4.10-17p. 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Literaturas e Cidades. In: CHUVA. Marcia. *Revista do Patrimônio: histórico artístico e nacional*. Nº 34. 397-409p.2012.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja & MOREIRA, Marcelo. Espaço e patrimônio na poesia. In: *Espaço e Poesia*. André Pinheiro; Ozires Borges Filho. Silvana Pantoja (Org.) Vinhedo: Editora Horizonte, 2020.

TARDIVO, Jessica Aline & PRATSCHKE, Anja. *Cidade como lugar de memórias*. Revista Memórias em Rede, Pelotas, v.8, n.15.03-21p. 2016.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. Trad. Silvana Rubino. In: ARANTES. Augusto Antonio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº24. 1996.

Submetido em 22 de setembro de 2022

Aceito em 19 de abril de 2023

Publicado em 24 de setembro de 2023
